



## V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e  
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

### ITINERÁRIOS FORMATIVOS (IFAs) COMO CRIAÇÃO E COMO CRÍTICA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO SABER DA EXPERIÊNCIA

Ariel Nascimento Santos<sup>1</sup>

Roy Sollon Santos Costa Brancatti Borges<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende realizar uma análise crítica das pressões contemporâneas enfrentadas pela escola, frequentemente submetida a discursos de “inovação, renovação e redução”, os quais tendem a esvaziar o seu papel social em nome de uma eficiência utilitarista. Também busca propor uma alternativa aos Itinerários Formativos de Aperfeiçoamento, forma pedagógica implementada com pelo Novo Ensino Médio. Para isso, defende-se que as soluções para os problemas da escola devem ser buscadas em sua própria realidade, a partir de seus sujeitos, práticas e contextos. Parte-se da premissa de que os desconfortos e os conflitos são elementos constitutivos e necessários tanto à democracia quanto à transformação social, as quais se iniciam no grupo e tem nele sua força propulsora. O planejamento pedagógico é concebido como hipótese dinâmica, sensível ao inusitado e ao saber que emerge da *experiência*, reconhecendo e valorizando a pessoa humana como centro do processo educativo. Discutem-se os Itinerários Formativos como dispositivos que fortalecem a (trans)formação continuada, a partir da valorização da prática docente e da escuta ativa entre pares. Os Itinerários Formativos, nesse sentido, configuram-se como espaço de (re)construção da escola que se deseja: pública, democrática, plural e crítica. De modo a reconhecer a escola também como *locus* de pesquisa, onde a prática pedagógica se constitui como objeto de investigação, análise e intervenção crítica. A ação do sujeito no mundo é orientada pelo processo contínuo de autoconstrução – “partejar-se a si mesmo” – no exercício reflexivo dos papéis sociais ocupados. Critica-se a lógica utilitarista aplicada à escola, reafirmando seu caráter de espaço público, coletivo e compartilhado, que não pertence a um único indivíduo, mas a todos - aquilo que Paulo Freire chamaria de uma “educação bancária”. Por fim, ressalta-se a importância de *aprender a aprender* no âmbito de uma escola compreendida como espaço de convivência, debate, resistência e formação integral.

**Palavras-chave:** Novo Ensino Médio; Educação; Democracia; Experiência; Partejar.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017**. Dispõe sobre os itinerários formativos no Ensino Médio. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm)>. Acesso em: 28 jul. 2025.

BRASIL, [Ministério da Educação]. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

<sup>1</sup> Licenciada pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: ariel.nascimento.sant@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre pela Universidade Federal do ABC. Orcid: 0009-0008-6130-5760. E-mail: yornollos@gmail.com



## V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e  
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

NÓVOA, António. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

SANTOS, Cledineia Carvalho. **A cultura do partejar: entre a ancestralidade e a Pós-modernidade**. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 05, n. 01, p. 1–21, 2019.